

Organizadores:
Clotilde Perez, Eneus Trindade
Maria Immacolata Vassallo de Lopes
e Márcia Pinheiro Olhson

PPGCOM-USP

50 ANOS:

entre o passado e o futuro, nosso percurso

© Vários autores, 2023

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sem autorização prévia por escrito da editora, sejam quais forem os meios empregados.

ORGANIZADORES

Clotilde Perez, Eneus Trindade, Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Márcia Pinheiro Olhson

DIREÇÃO EDITORIAL

Kathia Castilho e Solange Pelinson

REVISÃO

Leoberto Balbino

PROJETO GRÁFICO E EDIÇÃO DE ARTE

Marcelo Max

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

P146 PPGCOM USP 50 anos : entre o passado e o
1.ed. futuro, nosso percurso / organizadores
Clotilde Perez...[et al.]. – 1.ed. –
São Paulo : Estação das Letras e Cores, 2023.

Outros organizadores: Eneus Trindade, Maria Immacolata Vassallo de
Lopes, Márcia Pinheiro Olhson.

ISBN : 978-65-5029-027-6

1. Ciências sociais. 2. Comunicação. 3. Pesquisa – Aspectos sociais.
4. Pós-Graduação. 4. Professores – Formação. I. Perez, Clotilde. II. Trindade,
Eneus. III. Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. IV. Olhson, Márcia Pinheiro.

03-2023/64

CDD 300

Índices para catálogo sistemático:

1. Ciências sociais 300

Bibliotecária: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

Estação das Letras e Cores Editora

Av. Real, 55 – Aldeia da Serra

06429-200 – Barueri – SP

Tel.: 55 11 4326-8200

 www.estacaoletras.com.br

 facebook.com/estacaodasletrasecoreseditora

 [@estacaodasletrasecores](https://instagram.com/estacaodasletrasecores)

Organizadores:
Clotilde Perez, Eneus Trindade
Maria Immacolata Vassallo de Lopes
e Márcia Pinheiro Olhson

PPGCOM-USP

50 ANOS:

entre o passado e o futuro, nosso percurso

2023



Obra financiada pelo:

PROAP
Programa de Apoio à
Pós-Graduação



ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO



**Estação
das Letras
e Cores**

Tempo e estudo

Eugênio Bucci

A primeira vez que entrei no Campus do Butantã, num dia perdido entre fevereiro e março de 1978, eu estava dentro de um táxi. Tão logo o automóvel cruzou o Portão 1, rodeando a estátua do Armando de Salles Oliveira, minha respiração se alterou, agitada. Eu me virava de um lado para o outro, procurando olhar cada detalhe de paisagem que fluía pelas janelas. Depois de contornar a rotatória em frente ao CP-USP, o carro virou à esquerda, tomando a subida rumo ao prédio de História. Uma fâsca macia se acendeu do lado de dentro das minhas costelas. Eu tinha dezenove anos de idade e aparentava dezesseis. Sem barba formada, eu não tinha “experiência empírica” nas artes e nas desventuras de viver. Não sabia nada de política. Sabia menos ainda sobre os visgos e das nervuras a que chamam de paixão carnal.

Num intervalo de poucos minutos, aconteceu tudo. Os gramados largos, com suas ondulações em aclave salpicadas de edificações esparsas, adquiriram um sentido cósmico. “Achei meu lugar neste mundo”, diziam as fibras do meu corpo, ainda que eu não soubesse escutá-las. A Cidade Universitária era maior do que Orlândia, o município remoto de onde eu vinha. Suas fronteiras ficavam além do alcance dos meus olhos, por maior que fosse a distância que o táxi percorria pelas avenidas largas e impassíveis. Foi amor à primeira vista – o único amor à primeira vista que deu certo para mim.

O motorista achou fácil a Escola de Comunicações e Artes. A chegada foi tensa. Eu tinha medo, tinha pavor total de que descobrissem que eu não passava de um caipira frágil. Mesmo assim, apesar dos meus temores secretos, nada em minha máquina psíquica pedia para recuar. Desci do carro como quem salta numa piscina sem saber a temperatura da água. A sola do meu sapato fez o primeiro contato com o chão da escola.

Naquela manhã de 1978, no meu *debut* como calouro, fui cair numa sala de aula que me pareceu espaçosa, a mesma que hoje tem o nome de Auditório Freitas Nobre. Achei uma vaga nas primeiras fileiras e me sentei. O professor Virgílio Noya Pinto dava uma aula – verdadeiramente inaugural – sobre o tempo. Quase assombrado, fui apresentado a ideias das quais eu nunca tinha me dado conta. Ele ensinava as diferenças entre o tempo cíclico, com suas evoluções repetitivas – como os dias e as noites, as luas e as estações do ano – e o tempo linear, esse que marcamos nos calendários. Em silêncio, de olhos vidrados naquele homem de calva imponente e estatura modesta, eu era levado a intuir que os recursos simbólicos que nos permitem contar a passagem das décadas e dos milênios é uma conquista da civilização e da linguagem. Fora o que, eu me divertia com a dessintonia entre o registro retilíneo e sem retorno do tempo linear e o modo como o professor se movia à frente da nossa turma. Vestindo paletó e gravata, Virgílio Noya Pinto andava sem parar. Lentamente. Ia de um lado para outro, num trajeto miseravelmente cíclico. Ia e voltava, ia e voltava, como um pêndulo. Dando passos ritmados, em ciclos repetitivos de vai e vem, ele discorria sobre a marcação cronológica em que podemos situar os fatos históricos. Aquele contraste involuntário e inevitável me fisgou para sempre. Nada como ouvir, imaginar, pensar e estudar.

O PPGCOM, o nosso Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, só entraria no meu horizonte muitos anos depois. Só bem mais tarde é que eu fui me tornar um acadêmico assumido. Sou temporão. Assim como aos dezenove anos eu tinha cara de dezesseis,

quando ingressei no programa eu já estava um pouco passado. Meus colegas de classe eram mais novos do que eu, ainda que parecessem intelectualmente mais maduros. Alguns o eram de fato.

A razão de eu ter demorado a entrar na pós-graduação tem nome e sobrenome: José Teixeira Coelho Netto. Foi esse grande pensador da cultura, um dos maiores, que me recomendou deixar para mais adiante. Eu fazia duas graduações na USP (no meu tempo, longínquo, isso nos era permitido). De manhã, eu era aluno da ECA; à noite, da São Francisco, onde estudava Direito. Eu achava que o Direito me daria mais base humanista, embora não tivesse nenhuma intenção de me tornar advogado. Eu não trabalhava, mas tinha outras atividades, como a militância no movimento estudantil. Lia com gosto alguns livros de Leon Trotsky (fui um militante estudioso).

Quando ia lá pelo final das minhas graduações, comecei a pensar em ingressar na pós. O professor Luiz Milanesi, outra forte influência na minha formação, me deu a dica de falar com o Teixeira, e lá fui eu. Era uma sala pequena que ficava no segundo andar do prédio central da nossa escola. Eu já não era o jeca medroso de 1978. Tinha aprendido a disfarçar o sotaque da Alta Mogiana, com seus “erres” amaciados e azeitados. Andava mais confiante ou, como se dizia nos estertores do século XX, mais saidinho. No meu juízo era óbvio que o Teixeira ficaria interessadíssimo em me orientar. Eu fazia aquele estilo “sou uma cabeça cheia de perguntas”, o que me tornava – acreditava eu – uma figura promissora. Ao entrar na sala dele, eu tinha certeza de que receberia um convite para me inscrever no exame do PPGCOM.

Foi rápido. O Teixeira, atencioso, aceitou me ouvir por uns cinco ou dez minutos, não mais, e me respondeu, cortês e seco:

– Você deveria ir trabalhar e voltar só mais tarde. Vá para o mercado, aprenda com a vida profissional, e depois você vem para estudar mais.

Aquiesci. Não me restava alternativa que não fosse aquiescer. Meio ressabiado por ter sido esnobado, saí dali aparentando

normalidade e pensando no futuro. O tempo – de novo, o tempo – diria que o Teixeira estava certíssimo. Virar jornalista profissional me faria bem – tanto faria que efetivamente fez. Uns dez anos depois, quando finalmente comecei a frequentar aulas no PPGCOM, eu era outra pessoa. Fiz uma disciplina do próprio Teixeira, que numa das aulas lembrou que “a flor inculta, quando tocada, fenece”. A flor era eu, não o idioma. Fiz outra disciplina com Jean-Claude Bernardet, que falava sem parar seguindo um roteiro grafado a mão sobre folhas de papel sulfite. “No fim da *estrurada* não há nada”, ele dizia sobre o plano final de *O Anjo Nasceu* (1969), de Júlio Bressane.

Pelas mãos de minha orientadora Dulcília Buitoni, eu me tornaria doutor. “Você gosta da palavra ‘tessitura’, né?”, ela comentou uma vez, folheando meu material para a qualificação. Elegante, Dulcília me fez ver que eu deveria cortar umas tantas vezes o vocábulo recorrente. Com delicadeza, deu um jeito de me deixar perceber que o correto era escrever “tessitura” com dois “esses”, e não com “c”.

Na disciplina de Jeanne Marie Machado de Freitas, que cursei duas vezes, entrei em contato com a prosa inóspita de Jacques Lacan. Um dia, depois da aula, ela me pediu uma carona até uma agência bancária. Ainda existia, naquele tempo, o Banco Real. Ela olhou para mim, sob a sombra das tipuanas, e falou com ar descuidado:

– Eugênio, você pode me levar ao Real?

Achei, num lampejo travesso, que fosse um ato falho da professora. Doce ilusão. Para Jeanne Marie, ao menos naquele instante, o Real era só uma casa bancária mesmo, e foi para lá que a conduzi. Na única vez que uma mulher me pediu para ser levada ao Real, foi no sentido fiduciário da coisa.

Conhecer a nossa insignificância talvez seja uma das melhores razões para se gostar de estudar. Muita gente estuda para ser maior, para ganhar mais, para ganhar patentes e credenciais. Eu descobri que estudo para me saber menor. Gosto assim. Eu era insignificante para Jeanne Marie, em quem nunca inspirei nada de Real que não fosse uma agência na Praça do Relógio. Sou insignificante para tudo o

mais – o que não me impede de ser um significante zanzando por aí. A vastidão da minha ignorância – escura, rude e bruta, como a inculta flor do poeta – por vezes cede sob uma fagulha efêmera, mas, de resto, impera surda. O que não sei guarda mais charme do que aquilo que aborrecidamente domino. Os livros que não li parecem ainda acesos nas estantes. As pessoas com quem ainda não falei despertam minha curiosidade, quando as vejo apressadas nas escadas da ECA, ou quando miram o outro lado da avenida no ponto de ônibus, ou quando passam numa estação de metrô para jamais cruzarem outra vez o meu caminho. De algum jeito, a ideia de que estudar palavras e imagens é estudar gente me pacifica. Enquanto isso, entardece.

Passei a dar aulas no PPGCOM depois de receber um estímulo da grande professora Maria Immacolata Vassallo de Lopes. Ela me levou a pedir meu credenciamento. Desde então, obrigo minhas orientandas e meus orientandos a cursar a disciplina que ela ministra sobre metodologia em pesquisa de comunicação. Trata-se de uma exigência metodológica, sem trocadilho. Aprendo muito com Immacolata – diretamente ou por tabela.

Assim vou estudando, antes que anoiteça no meu tempo cíclico. Uma das revelações mais gratificantes que pude ter no PPGCOM é que os alunos da gente nos ensinam muito. Aconteceu algo de notável comigo, quando um aluno, Rafael Venâncio, que depois se tornaria professor na Federal de Uberlândia, de onde saiu para ser psicanalista em São Paulo, me mostrou que Jacques Lacan era o autor de uma expressão que eu achava que eu mesmo tinha inventado. Aquilo me aliviou imensamente, e é fácil explicar porquê.

Quando defendi meu doutorado, em 2002, afirmei na minha tese que, além do *valor de uso* e *valor de troca*, precisávamos começar a considerar o *valor de gozo* da mercadoria. Tempos depois, na minha disciplina de pós, eu venho ensinando o sentido desse conceito. Claro que eu sempre me baseei no que Lacan diz sobre o *gozo*. Mais do que isso: eu me baseava em referências explícitas que ele faz à função de gozo da mercadoria. Em uma de suas obras, *A Ética da*

Psicanálise, o psicanalista francês fala na “utilização de coso”, do que chama de “essa coisa produzida”.¹ Em síntese, quando eu lançava mão do conceito de *valor de gozo* estava lançando mão de Lacan, mas eu desconhecia um texto dele em que essa expressão exata aparecesse.

Essa ausência me desconcertava. A sonoridade, a prosódia de *valor de gozo* me saía com uma nota, digamos, lúbrica. Como professor, isso me encabulava diante da classe. Então, uma vez, o aluno (excelente) Rafael Venâncio me contou que a expressão *valor de gozo* era empregada por Lacan, assim mesmo, com todas as letras – *valeur de jouissance* –, num seminário de 1967. As transcrições (autorizadas pelos herdeiros) desses seminários começavam a circular entre lacanianos, em edições digitais. Verdadeiramente, no seminário *A Lógica do Fantasma*, lá está. Em diversas passagens, Lacan fala no *valor de gozo*. Eu e Rafael publicamos juntos um artigo na *Matrizes*, em que contamos a história do uso do termo *valor de gozo* por Lacan já nos anos 1960.²

O conceito teórico da expressão, suas determinantes econômicas assentadas na relação capitalista de produção que explora o olhar como trabalho, este nunca foi desenvolvido por Lacan. Esse conceito só foi posto de pé na minha tese de doutorado e, mais tarde, foi mais aprofundado num livro recente, *A Superindústria do Imaginário*.³ O dono da expressão, no entanto, é Jacques Lacan. E isso eu só fui descobrir graças a um aluno meu. Irresistível dizer, a essa altura: eu não tenho culpa de nada.

Tantas outras coisas eu aprendi com os alunos, em aula aberta, na hora, a quente, na lata. Muito de Jürgen Habermas eu só fui saber com nosso professor Vitor Blotta, que, mais jovem, cursou minha disciplina. Entre outras proezas, Vitor conheceu pessoalmente o filósofo alemão, com quem chegou a fazer uma reunião de trabalho acadêmico.

1 LACAN, J. **O seminário, livro 7: A Ética da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991. p. 279.

2 BUCCI, E.; & VENANCIO, R. D. O. **O valor de gozo: um conceito para a crítica da indústria do imaginário**. *MATRIZES*, v. 8, n. 1, p. 141-158, 2014.

3 BUCCI, E. **A superindústria do imaginário**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

Hoje somos parceiros não só no PPGCOM, mas também no Grupo Jornalismo, Direito e Liberdade, vinculado à ECA e ao Instituto de Estudos Avançados da USP.

Lembranças e ensinamentos. Aprendizados e vivências. Outro dia, numa reunião do nosso programa, vivi uma emoção muito forte. Entre os professores reunidos estava Cremilda Medina, um dos nomes que inspiram minha jornada. Lá pelas tantas, ela levantou a mão e nos lembrou de que foi ela a primeira mestre a se formar pelo PPGCOM. Toda a turma que estava lá reunida aplaudiu na hora. Quanta justiça e quanto saber havia naquelas palmas. Pela tradição, pelo vigor das inteligências que reúne, pela coragem das proposições que abriga, o PPGCOM é o melhor programa de pós em Ciências da Comunicação do Brasil.

Tudo isso vai ficando comigo, de um modo mais ou menos cumulativo. Quando volto no tempo que não volta – posto que é retilíneo e imperturbável, como quiseram Kant e Newton –, eu me descubro dando voltas no tempo cíclico de cada um de nós. Sim, para quem vive de estudar, a história se repete: no primeiro ciclo, em descobrir; no ciclo seguinte, em fazer descobrir. Aprender e ensinar são dois ciclos que não se desvinculam, mas que se entrelaçam em ciclos próprios.

Hoje eu tenho a pretensão de dizer que andei conhecendo certas dimensões do tempo que talvez tenham escapado ao professor Virgílio Noya Pinto, mas, se eu conheci algo mais, posso dizer também que devo quase tudo a ele. Não fosse aquela aula, naquele dia perdido entre fevereiro e março de 1978, e tudo teria sido diferente. Que bom que tudo foi como foi. Que bom que estou aqui agora para contar um pouco do que se passou. Outras pessoas virão e a história ainda vai se repetir diferentemente outras vezes.

Não é raro eu estar à frente de uma classe, espremido entre o quadro negro – parte dele recoberto por uma tela branca – e as poltronas da primeira fila, e começar a andar de um lado para outro. Vou para a direita, depois volto para a esquerda e, então, sigo para a direita novamente, sabendo que retornarei depois. Não é raro eu estar assim e me surpreender que estou ali falando sobre o tempo, “o tecido da

nossa vida”, como pontuava nosso grande mestre Antonio Candido. O assunto me fascina até hoje, sobretudo quando penso que o “tecido” é imaginário. Mas isso é outra conversa, assunto para outra divagação. Por agora, quero me fixar – ainda que deslizante – sobre essa recorrência benigna e fértil de um professor que, em passos cíclicos, discorre sobre um tempo que escorre e não recorre. Sou meio calvo, admito, mas não com aquele brilho resoluto do professor Virgílio. Costumo usar um blazer, colarinho abotoado, embora sem gravata. Aos que me escutam com atenção, deixo sementes na incerteza. Estudar é não ceder à violência. E ainda é tempo.